

Bem-estar e Sustentabilidade: a Esperança dos Moradores do Combú Diante do Desenvolvimento da Ilha

*Well-being and Sustainability: Hope of Combú Residents in the Face of Island's
Development*

Marcia ATHAYDE¹

Marinaldo Cardoso ALVES²

Giovanna Costa MIRANDA³

Resumo. Este estudo teve como objetivo compreender o sentimento de esperança da população local da ilha do Combú, pautado nas questões relacionadas ao bem-estar pessoal e à sustentabilidade da APA, diante do desenvolvimento pelo qual passa a ilha. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com moradores, tendo seu conteúdo analisado com base em três categorias: bem-estar, sustentabilidade e esperança diante do desenvolvimento do turismo; moradia, educação, saneamento, qualidade de vida e bem-estar dos moradores da APA; e, meios de subsistência e a influência urbana sobre a ilha. Como resultados, três elementos se destacaram: o sentimento de pertencimento e a valorização social e ambiental da ilha, a pressão sofrida diante do desenvolvimento turístico e a falta de políticas públicas adequadas às necessidades básicas da população. Assim, foi possível observar que, embora haja esperança com as oportunidades econômicas advindas do turismo, também há insatisfação e desesperança diante do desequilíbrio ambiental, o qual impacta negativamente a pesca, o extrativismo e o próprio modo de vida tradicional da comunidade. A pesquisa contribui para o campo da sustentabilidade e das políticas públicas, avança na discussão sobre a gestão de cidades resilientes e sustentáveis ao escutar as comunidades ribeirinhas em processos de planejamento

¹ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Contabilidade da Universidade Federal do Pará - PPGC/UFPA.
Pará, BRASIL
mathayde@ufpa.br

² Graduação em Ciências Contábeis na Universidade Federal do Pará.
Pará, BRASIL
marinaldoal2000@gmail.com

³ Graduação em Ciências Contábeis na Universidade Federal do Pará.
Pará, BRASIL
giovanna.miranda@icsa.ufpa.br

urbano. Também aponta caminhos para ações voltadas à proteção da Amazônia, com foco em alternativas sustentáveis que promovam bem-estar e preservação ambiental.

Palavras-chave: Ilha do Combú. Sustentabilidade. Bem-Estar. Esperança.

Abstract. This study aims to understand the feeling of hope of the local population of the Combú Island, based on quests related to the well-being of people and the sustainability of the APA, before the development of the island. The research was carried out through interviews with residents, and its content was analyzed based on three categories: well-being, sustainability and hope for the development of tourism; home, education, sanitation, quality of life and well-being of APA residents; e, means of subsistence and urban influence on the island. As a result, three elements stand out: the feeling of belonging and the social and environmental value of the island, the pressure suffered by tourism development and the lack of public policies adapted to the basic needs of the population. Thus, it was possible to observe that, due to hope with the economic opportunities offered by tourism, there is also dissatisfaction and despair due to the environmental imbalance, which negatively impacts fishing, extractivism and the community's traditional way of life. The research contributes to the field of sustainability and public policies, advances the discussion on the management of resilient and sustainable cities to examine the surrounding communities in urban planning processes. It also aims to take steps to protect the Amazon, focusing on sustainable alternatives that promote good health and environmental preservation.

Keywords: Combú Island. Sustainability. Well-being. Hope.

1. Introdução

No ano de 1997, a ilha do Combú, com cerca de 15,900 km², foi decretada pelo Governo do Pará como Área de Proteção Ambiental - APA, por meio da Lei Estadual nº 6083/1997. A APA da ilha do Combú é atualmente monitorada pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará - IDEFLOR-Bio, estando a menos de 2 km da região urbana de Belém do Pará, localizada entre o Rio Guamá e a Baía do Guajará, fazendo parte das 39 ilhas que compõem a região metropolitana de Belém - RMB. O principal porto de onde é realizada a travessia é o Terminal Hidroviário Ruy Barata, localizado nas dependências da Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor e, ainda conta com uma infraestrutura adequada e segurança pública (A Ilha do Combú, 2025).

O Combú é um lugar paradisíaco que oferece um ambiente rústico e único, cercado por uma floresta tropical, pelos rios em sua volta e os furos que a cortam, dando origem a um local exuberante e paisagem natural, uma expressão da floresta amazônica praticamente dentro da cidade de Belém, no Pará (Castelo et al., 2018; IDEFLOR-Bio, 2024).

Segundo o IDEFLOR-Bio, estima-se que o número de moradores da ilha do Combú seja de 1.500 pessoas, notadamente habitada por famílias ribeirinhas que encontram na pesca, na extração vegetal e sua comercialização, os principais meios de subsistência, além da exploração do ecoturismo (Ferreira & Silva, 2019; IDEFLOR-Bio, 2024; Maia et al., 2017). Constituído por ribeirinhos, os seus moradores, através do ecoturismo e extrativismo fomentam a economia da ilha (A ilha do Combú, 2025), os moradores são ribeirinhos - por habitarem às margens dos rios e furos, em casas de madeira, ripas e até de palha, de forma predominante, as casas possuem um pequeno trapiche, muitas possuem pontes que interligam a outros lugares, feitos de madeira (Costa et al., 2015). O principal e único meio viável de locomoção pela ilha são por pequenas embarcações que lembram uma canoa, entretanto, em sua maioria, possuem um motor na traseira, deixando-a mais veloz (Castelo et al., 2018).

As casas possuem como peculiaridade um modelo de construção de forma elevada devido ao solo ser alagado em virtude dos processos de enchimento e esvaziamento dos rios, impossibilitando a construção de casas diretamente ao solo, embora passe a ficar firme a partir do momento que se afasta das margens. O rio é o principal meio de deslocamento dos ribeirinhos, fazendo com que os trapiches e pontes sejam típicos do lugar (Costa et al., 2015).

A geografia da ilha proporciona um ecoturismo único na localidade, despertando o potencial empreendedor (Castelo et al., 2018), atraindo turistas de todos os lugares,

nacionalmente e internacionalmente, vem sendo um lugar frequentado por muitas pessoas, inclusive por celebridades e influencers digitais (G1 Pará, 2024). O distanciamento da ilha para o centro urbano de Belém é pequeno, o percurso dura em torno de 20 minutos de barco, essa proximidade com a cidade gera uma influência urbana sobre a ilha, no entanto, há um contraste quando comparamos os moradores do centro urbano da cidade com os moradores da ilha, principalmente na questão da pobreza e de seus reflexos peculiares em relação à moradia, educação e renda (Costa et al., 2015). Costa et al. (2015) esclarecem que a pobreza não é um sinônimo de falta de bens materiais, mas a falta ou escassez de acesso apropriado para a manutenção e qualidade de vida. Nesse cenário, muitos moradores da ilha se encontram vulneráveis, possuindo renda abaixo de um salário, e vivendo em um cenário análogo à pobreza (Nascimento, 2013).

A pobreza pode se caracterizar desde a falta de acesso à água potável, à educação básica eficaz, moradia e renda, partindo desse pressuposto, o autor afirma que a pobreza é a carência de oportunidades e possibilidades, é a vulnerabilidade causada pela falta de opções, tais como a falta de emprego, condições de moradias e alimentação adequadas, abastecimento de água e sistema de saneamento básico, acesso aos serviços de saúde e, educação e mecanismos de participação popular na elaboração de políticas públicas (Costa et al., 2015; Lacerda & Acosta, 2017). Sobre a educação na ilha, destacam-se as classes multisseriadas onde professores propõem atividades e abordagens generalistas, com pouca consideração às vivências dos educandos (Fortunato, 2024), sendo cerca de 500 alunos até o 5º ano do ensino fundamental lotados em cinco escolas distribuídas pela ilha (Oliveira, 2024).

Por sua vez, Carvalho et al. (2019) apontaram dificuldades que a APA do Combú enfrenta para garantir o desenvolvimento sustentável, embora uma área de proteção ambiental tenha esse objetivo, há uma divergência na situação da APA do Combú, pois a proteção, preservação e conservação de recursos naturais não são devidamente colocados em prática. Observa-se uma degradação de atividades originais, como a pesca, pois o turismo desenfreado, estimulando a alta circulação de barcos motorizados, reduz a capacidade de pesca, gerando impacto direto aos moradores que têm na atividade uma forma de subsistência, seja para venda, seja para o consumo (Rosa & Cabral, 2016). Nesse movimento de redução de atividades originárias da ilha, alguns moradores aproveitam a proximidade com o centro urbano e enxergam oportunidades, como o trabalho formal, atravessando o rio para trabalhar e regressando ao final do dia. Um contraste do que era anos atrás, quando a fonte de receita dos

moradores era somente a pesca e o extrativismo, não havendo a necessidade desse deslocamento diário (Costa et al., 2015).

Assim, diante dos movimentos por que passa a ilha do Combú, se discute nesta pesquisa a esperança dos moradores frente à expectativa de manter a sustentabilidade da ilha e seu próprio bem-estar, diante do desenvolvimento que se aproxima em velocidade. O bem-estar pode estar relacionado à ideia de abundância, sobretudo, alimentação, saúde e educação, com isso, capacidade de construir um ambiente bom para se viver (Lacerda & Acosta, 2017), enquanto a esperança se caracteriza pela convicção do êxito em algo, mesmo diante da falta de elementos fundamentais para que aquilo que se espera seja concretizado (Mascarenhas & Roazzi, 2012).

Diante do cenário desenhado, a questão que norteia essa pesquisa é: *quais os elementos que fomentam o bem-estar e a esperança da população residente da ilha do Combú diante do seu desenvolvimento?* Como objetivo, nos interessamos em compreender o sentimento de esperança da população local, pautado nas questões relacionadas ao bem-estar pessoal e a sustentabilidade da APA, diante do desenvolvimento pelo qual passa a ilha do Combú.

Essa pesquisa se justifica pela possibilidade de ampliar o conhecimento sobre comunidades ribeirinhas amazônicas no âmbito das ciências sociais aplicadas, podendo servir como base para ações gerenciais de grupos privados, ONGs e entidades públicas, interessadas em contribuir, não apenas para a preservação socioambiental, mas também com o bem-estar de seus povos originários, em um olhar interno, mas também pode servir como base para comparar outras APAs em contextos semelhantes. Como contribuição para a sociedade paraense, a divulgação pública deste estudo pode promover a conscientização sobre a relevância ambiental, cultural e econômica da ilha, sensibilizando a sociedade sobre a necessidade de protegê-la. Por fim, como contribuição para os próprios moradores do Combú, pretendemos incentivar as práticas sustentáveis de forma a equilibrar conservação e economia, cultivando a esperança pela melhoria do bem-estar local e qualidade de vida minimizando o uso dos recursos naturais, garantindo um futuro sustentável para as próximas gerações.

2. Revisão de Literatura

2.1. Renda e Subsistência na APA

A palmeira do açá é típica das regiões tropicais, principalmente na região amazônica, elas produzem o açá e podem ser encontradas em quase todos os lugares da APA do Combú.

Além do próprio consumo, uma grande parte é destinada para a venda, visando o lucro e o sustento do pequeno agricultor, o próprio morador da ilha. Com a venda do fruto, a economia do local cresce, contribuindo para o crescimento da economia do município de Belém (Ferreira & Silva, 2019).

Enquanto a pesca, na ilha, é voltada para o consumo dos moradores, entretanto há quem adote a prática como forma de gerar renda. Ferreira e Silva (2019) realizaram pesquisas no local e encontraram uma amostragem que demonstra que mais da metade dos moradores praticam a pesca para a subsistência, sendo poucos os que afirmaram que praticam a pesca visando a geração de renda.

Além da cultura do açaí e da pesca, outras culturas se fazem presente como o cacau que também tem sido cultivado na ilha, notadamente para a produção orgânica do chocolate e outros derivados que são comercializados na forma de trufas, barras e outras características. Conhecido na região pelo seu sabor único, a produção do chocolate na ilha é uma grande atração turística, ainda mais por ter a fábrica que produz e comercializa artesanalmente o chocolate orgânico (Maia et al., 2017). Dona Nena é a responsável por essa atração que a ilha oferece, pois é dela a tradicional fábrica, chamada, Filha do Combú, o chocolate é comercializado por todo Brasil, além da venda local de acessórios típicos da região amazônica, fortalecendo a bioeconomia e auxiliando na fixação da mão de obra local (Filha do Combú, 2024).

O extrativismo na ilha não se limita apenas na coleta do açaí, pesca e caça, a extração do óleo da andiroba também é significativo e atribui à renda econômica dos moradores que praticam o seu cultivo. Para a população da região norte, a cultura do uso do óleo da andiroba é bem conhecido.

O óleo da andiroba é um óleo vegetal típico da bacia amazônica, especialmente em matas de várzeas e zonas alagadas, como é a situação do Combú, nessas regiões existem diversas plantas que originam diversos óleos vegetais que após a coleta e algumas outras etapas, é usado e comercializado pela população local para prevenir doenças (Melo & Bezerra, 2022). O manejo do óleo da andiroba não traz prejuízos à fauna e nem ao meio ambiente, além de não ser destrutivo, a coleta das sementes tem um custo menor em relação ao manejo de outros inerentes da região da APA do Combú. O uso da andiroba, na forma medicinal, segundo obras literárias, é usado desde o tempo da descoberta do Brasil, pelos índios que habitavam a região, atualmente a andiroba é usada contra o combate de pancadas e como auxiliador anti-inflamatório (Santos et al., 2016).

A colheita do óleo da andiroba é feita majoritariamente por mulheres, no trabalho de pesquisa feito por Melo e Bezerra (2022), as ribeirinhas que trabalham com a extração do óleo, relataram a importância de preservar as crenças associadas à colheita, dentre elas, a espiritualidade, as mulheres continuaram dizendo que para uma boa extração, as mulheres que trabalham na colheita não devem estar em período menstrual, mau-humor, pois segundo a crença, acredita-se que o óleo da andiroba não escorre de forma apropriada, prejudicando a coleta da produção.

Para Leite et al. (2025) o cotidiano de um ribeirinho, longe do centro urbano de uma cidade requer inovações e criatividade para poder se manter no meio em que vive, diante disso, o empreendedorismo consciente e sustentável é um desafio social e econômico na região amazônica, embora a sustentabilidade seja um dos desafios mais árduo enfrentado globalmente, é notadamente preciso continuar no progresso econômico e social, todavia é indispensável que esse progresso seja consciente e respeite os limites do meio ambiente.

A ilha do Combú, como ambiente de comércio, bares, restaurantes e ecopontos, oferece diversas opções de compras como, canecas, camisas, acessórios, bijuterias que são preparadas com sementes da Amazônia, artesanatos, doces em potes, óleos extraídos das árvores, frutas em natura e de tudo o mais que for possível comercializar, sempre com o uso da sustentabilidade como meio empreendedor, como em um restaurante que comercializa a salada e verduras orgânicas que vêm da própria horta criada na ilha (UOL, 2024).

2.2. Qualidade de vida e bem-estar dos moradores da APA

A popularidade que a ilha atinge é muito importante para o seu engajamento e firmamento como referencial turístico de Belém, implicando em seu crescimento econômico, contudo esse movimento turístico ocorre em detrimento da fauna, da flora, do bem-estar e da qualidade de vida dos moradores da ilha, pois o fluxo cada vez maior de visitantes gera prejuízo à natureza em diversas ordens, tais como: as ondas fluviais geradas pelas embarcações, gerando a erosão do solo com desmoronamento de árvores, além da poluição sonora devido ao grande número de visitantes que, afeta além dos moradores, os animais e pássaros, entre outros problemas, principalmente na questão do lixo e resíduos no local, e ainda a falta de energia elétrica constante, escolas e posto de saúde precários (Cirilo, 2013; Rosa & Cabral, 2016; Monteiro-Alves et al., 2024). Com o passar do tempo e a valorização da ilha, aumentou a prática de compra e aluguel de terrenos, que em alguns casos, ocorre de forma ilegal (Cirilo, 2013).

De acordo com Alves (2020), ao longo do processo de civilização, sempre se buscou a satisfação das necessidades humanas, inclusive o bem-estar, que apresenta suas proporções e definições, tal como esclarecem Siqueira e Padovam (2008), no qual o bem-estar subjetivo refere-se às avaliações que o indivíduo faz sobre a sua própria vida, considerando sua satisfação geral e a prevalência de emoções positivas sobre as negativas, sendo um conceito centrado na percepção subjetiva de felicidade, enquanto o bem-estar psicológico está relacionado ao desenvolvimento pessoal e ao funcionamento pleno das potencialidades humanas, incluindo fatores como autoaceitação, propósito de vida, autonomia e relacionamentos positivos, enfatizando a resiliência e a adaptação aos desafios da vida.

Por sua vez, a qualidade de vida para a Organização Mundial da Saúde (OMS) são as percepções que os indivíduos têm sobre suas posições na vida, além disso, destaca-se que é um conceito abrangente que de forma complexa anexa à saúde mental, o estado psicológico entre outros (Pelicioni, 1998). Nesse sentido, Alves (2020) aponta que a qualidade de vida é diretamente afetada por diversos ângulos, tais como manutenção da saúde física, estado psicológico positivo e relações socioambientais, sendo inter-relacionada ao bem-estar e reproduzida nos sentimentos de satisfação e felicidade.

Cirilo (2013) ainda observou a falta de companheirismo entre os moradores, o que gera desmotivação e prejudica a união da vida em comunidade, elemento importante para a manutenção da sustentabilidade. Dessa forma, ainda de acordo com Cirilo, é que se questiona se o turismo e o desenvolvimento econômico da ilha geram bem-estar e qualidade de vida para os seus moradores, embora os moradores não tenham contato diretamente com os turistas que visitam a ilha e bem menos são contemplados pela receita injetada por eles, os moradores são afetados de forma direta pelo fluxo de pessoas que visitam a ilha, no sentido da poluição generalizada e de todos os males decorrentes.

2.3. Esperança no contexto da qualidade de vida e sustentabilidade

A esperança é um sentimento humano que se caracteriza na crença de algo que pode se tornar uma mudança e/ou melhoria, por isso a esperança, nesse sentido, se torna comum em todas as etapas da vida, desde a infância até a vida adulta. Antecipadamente, todos esperam por algo positivo em suas vidas, acreditam que se pode atingir objetivos em geral leva a um bem-estar associado com a esperança (Bailey et al., 2007). Para Bailey et al. (2007) a mensuração da satisfação com a vida está relacionada à qualidade que ela atinge, ou seja, a qualidade de

vida que se leva, tais como bem-estar, conforto, cultura, entre outros, são a força motivacional que leva à satisfação e à esperança.

De acordo com Martins e Mestre (2014), ao longo da vida, os indivíduos criam representações mentais do que são ou do que podem vir a ser. Dessa forma, essas representações influenciarão como interpretam e avaliam o seu progresso no presente e no futuro, gerando maior ou menor esperança em relação à realidade em que vivem.

Para uns a esperança é um conceito que está ligado a crenças, no entanto a esperança ainda não tem uma definição concreta, por sua vez, ela é apontada como uma variável psicológica que está sendo um crescente objeto de pesquisa, todavia como conhecemos, a esperança se trata de um estado motivacional positivo que através de uma relação se aguarda um sentimento de sucesso (Martins & Mestre, 2014).

Analisando esse cenário, investigações acusam que a esperança é um importante prognosticador da saúde e da qualidade de vida, pois possui um índice considerável para a terapêutica, resultando uma espera de cura, certa vez que é levado ao nível de biopsicossocial (Martins & Mestre, 2014). Além disso, nesse contexto, Dias et al. (2020) esclarecem que o alto grau de estresse e sobrecarga podem interferir na esperança e qualidade de vida, ou seja, questões emocionais impulsionam a esperança.

Dessa forma, fica nítido a importância e todo significado envolto da esperança, mesmo que seja um conceito complexo de se descrever, mas nota-se, segundo Dias et al. (2020) que a esperança é um estado emocional positivo com foco voltado para a exploração de uma finalidade, formado pela interação e agenciamento, sendo as rotas o caminho preparado para a exploração dessa finalidade e o agenciamento o encorajamento para obter o explorado.

Nesse cenário, como estão inseridos os moradores da APA do Combú, a esperança não é diferente, contudo, na região na qual estão, a sustentabilidade e sua discussão é um tema real, um marco para essa discussão foi a Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente, denominada, Rio-92 e atualmente, a sustentabilidade é uma pauta muito importante, tanto para discussões de conservação e políticas públicas, por isso, a comunidade científica conceitua a sustentabilidade como a possibilidade de adquirir condições iguais de vida para um grupo de pessoas em um ecossistema (Von Ende et al., 2012).

3. Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, tendo sido realizada por meio de entrevistas presenciais e que foram gravadas com a permissão do entrevistado, as quais foram tratadas por meio de análise de conteúdo à luz de marcadores categorizados com base na literatura, os quais serviram para a elaboração do roteiro de entrevista.

Assim, o procedimento eleito para a realização da pesquisa de campo foi a entrevista semiestruturada, para a qual foi estabelecido um roteiro de entrevista com oito perguntas abertas acerca da percepção dos moradores sobre a sustentabilidade da ilha, desenvolvimento, esperança e bem-estar que nutrem pelo futuro, além da obtenção de dados sociodemográficos dos participantes.

Como já mencionado, as questões foram definidas a partir dos estudos teóricos e do objetivo estabelecido para a pesquisa e estão descritas na Tabela 1, organizadas em três categorias previamente delimitadas, as quais são: (1) bem-estar, sustentabilidade e esperança diante do desenvolvimento do turismo; (2) moradia, educação, saneamento, qualidade de vida e bem-estar dos moradores da APA; e, (3) meios de subsistência e a influência urbana sobre a ilha.

Tabela 1. Apresentação das Categorias de Análise, Questões Base e Autores

Item	Categoria de Análise (marcador)	Questão base	Autores
1	Bem-estar, sustentabilidade e esperança diante do desenvolvimento do turismo.	O desenvolvimento turístico da ilha agrada os moradores da APA do Combú?	Rosa e Cabral (2016).
		O sumiço dos peixes, o incômodo barulho de embarcações, entre outros, são problemas gerados pela crescente presença de turistas?	Rosa e Cabral (2016).
		Quais os motivos que levam os moradores da ilha a terem esperança e otimismo em permanecer no Combú?	ICMBio (2025) Mascarenhas e Roazzi (2012).
		Quais são as principais soluções para o desenvolvimento sustentável da ilha?	Carvalho, Pimentel e Lima (2019).
2	Moradia, educação, saneamento, qualidade de vida e bem-estar dos moradores da APA.	Políticas públicas como moradia e educação, são eficazes na ilha?	Costa et al. (2015).
		Os percalços enfrentados pelos moradores estão ligados à ineficiência das políticas públicas?	Miranda e Moreira (2024).
3	Meios de subsistência e a influência urbana sobre a ilha.	Os meios naturais que a APA oferece são suficientes para manter uma subsistência digna?	Ferreira e Silva (2019).
		A influência que a ilha recebe por estar tão próxima do centro urbano de Belém traz consequências positivas?	Nascimento (2013).

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na revisão de literatura.

A Tabela 2, apresenta a descrição dos moradores que foram entrevistados, cujos nomes verdadeiros foram preservados.

Tabela 2. Participantes da pesquisa:

Participante	Gênero	Idade	Tempo de Entrevista (minutos)	Forma de Identificação
Barqueiro	Masculino	42	3' e 04''	MORADOR 1
Barqueiro	Masculino	19	2' e 80''	MORADOR 2
Pescador	Masculino	52	12' e 10''	MORADOR 3
Extrativista	Feminino	41	9' e 01''	MORADOR 4
Empreendedor	Masculino	28	3' e 03''	MORADOR 5
Extrativista	Feminino	51	22' e 01''	MORADOR 6

Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa de campo.

A amostra da pesquisa, composta por seis participantes moradores da ilha, sendo do tipo não-probabilística, indicados por eles próprios, a partir da entrevista realizada com o primeiro residente, e que realizou a indicação de outros moradores com características distintas para também serem entrevistados. A pesquisa de campo foi realizada em março de 2025.

Os dados coletados das entrevistas foram gravados, transcritos e tratados por meio de análise de conteúdo, com auxílio de ferramentas e softwares adequados à pesquisa qualitativa. Para melhor organização e apresentação dos resultados, foi utilizado os softwares de análise qualitativa ATLAS.ti (<http://www.atlasti.com>) e Celeste AI (<http://www.celeste-ai.com>), tendo sido usadas as seguintes funções: importação de documentos, análise de citações, criação de redes para a análise de diagramas visuais, criação de códigos de análises, links e relações.

4. Apresentação e Análise Resultados Pesquisa de Campo

As entrevistas começaram no momento da saída da zona urbana de Belém para o Combú, precisamente do porto, que se encontra na Praça Princesa Isabel, no bairro da Condor - Belém, o primeiro entrevistado foi o vendedor de bilhetes para a travessia, o qual indicou o próximo entrevistado, e assim na sequência foram sendo realizadas as entrevistas, uma a uma, ao longo da pesquisa de campo, cujos resultados são apresentados na sequência.

4.1. Bem-Estar, Sustentabilidade e Esperança diante do Desenvolvimento do

Turismo

É possível encontrar um embate na questão do bem-estar e sustentabilidade frente ao desenvolvimento turístico, enquanto a maioria dos moradores prezam pela paz e calma, para

outros, o desenvolvimento é uma forma para obter renda. A Figura 1 apresenta um compilado de resultados que denotam esses sentimentos. É nesse sentido que entra a abordagem de Rosa e Cabral (2016), pois diante do crescimento turístico da região, a pesca sofreu negativamente uma baixa considerável, levando o morador que usa a pesca como forma de subsistência, sendo para consumir ou para vender irem em busca de emprego no lado urbano da cidade, portanto o desgaste físico sofrido afeta diretamente o bem-estar, pois sair de uma ilha, depois enfrentar o trânsito de Belém, não é algo fácil. Na questão do desenvolvimento turístico, segundo Costa et al. (2015) é algo iminente, a ilha por si só se destaca como um potencial turístico, diante disso, o morador se encontra na posição de empreender através do ecoturismo, contudo é que nesse momento que se desenvolve a degradação da ilha, no mínimo a alta de circulação de barcos, por exemplo, o que foi apontado como um dos percalços à pesca.

As falas retratam os sentimentos de descontentamento diante do desenvolvimento turístico, notadamente, a presença turística afetou de forma considerável o cotidiano dos moradores. Apenas para o morador que realiza atividades empreendedoras no local foi destacada uma visão mais otimista “[...] gera um bom lucro” (MORADOR2).

Figura 1. Percepção de bem-estar e sustentabilidade diante do desenvolvimento.

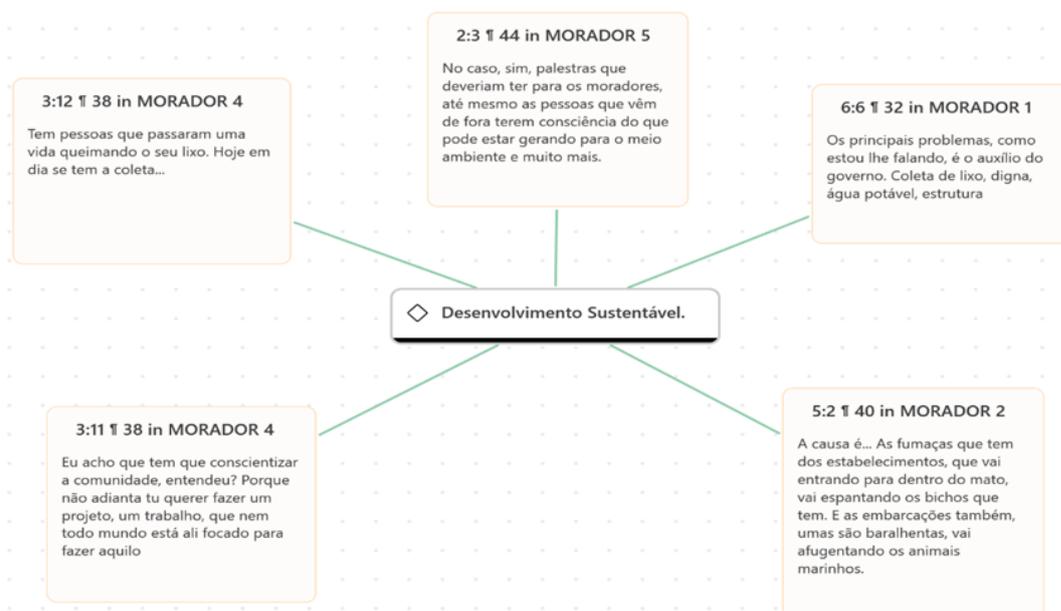


Fonte:Elaborado pelos autores, com base nas entrevistas.

Os moradores descreveram que há uma omissão dos órgãos responsáveis, comentaram sobre a falta de auxílios governamentais e ainda sobre a proliferação de fumaça originada dos estabelecimentos, por exemplo, dos restaurantes, o que acaba gerando problemas ambientais em localidade de fauna e flora, como é o caso do Combú. Ainda de acordo com as falas dos moradores durante as entrevistas, alguns moradores relataram que a alta circulação de lanchas, *jet skis* e outras embarcações vêm prejudicando a pesca na região, o morador explica que as movimentações e o barulho das embarcações acabam espantando os peixes, além do barulho ser um incômodo para o próprio morador da ilha. A Figura 2 apresenta um compilado de ideias sobre o desenvolvimento sustentável.

A conscientização da comunidade local também foi defendida por um morador, que admite que nem turistas e nem mesmo moradores são cuidadosos com o ambiente, e palestras e outras formas de conscientização poderiam ser desenvolvidas na comunidade (MORADOR4). Assim, de modo geral, o desenvolvimento turístico surge como antagonista do desenvolvimento sustentável e do bem-estar. Um ponto comentado mais de uma vez durante as entrevistas foi a questão das erosões provocadas por embarcações, que provocam graves agressões às margens dos rios e furos da ilha, gerando o desmoronamento, imputando ao morador um trabalho exaustivo na construção de contenções para conter o desmoronamento.

Figura 2: Percepção dos moradores sobre o desenvolvimento sustentável da ilha.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nas entrevistas.

Nesse modo, segundo a pesquisa e de todos os relatos dos entrevistados, o resultado da pesquisa segue a mesma linha da conclusão do trabalho de Carvalho, Pimentel e Lima (2019), onde os autores destacam o quanto é difícil, mesmo para uma área de proteção ambiental, permanecer resistentes quanto a degradação, seja de forma natural ou pela ação do homem. Cabe ressaltar o sentimento de pertencimento à ilha, onde, a despeito das dificuldades, os moradores da ilha se sentem orgulhosos de serem do Combú, como um morador relatou, o Combú é passado de pai para filho, como relatado “A ilha do Combú é de muitos... Ela é, por exemplo, de pai para filho. Tanto é que onde eu moro é de gerações, entendeu?” (MORADOR1).

As dificuldades encontradas para manter o desenvolvimento sustentável não afetam o desenvolvimento turístico da ilha, a soma desses fatos podem gerar um desgaste sustentável na ilha. De acordo com os autores Cirilo (2013), Rosa e Cabral (2016), Monteiro-Alves et al. (2024), a popularidade da ilha é importante para o firmamento como espaço turístico, embora problemas como as erosões, fumaças dos restaurantes sejam reais.

4.2. Moradia, educação, saneamento, qualidade de vida e bem-estar dos moradores da APA

No contexto da ilha do Combú e na sua sustentabilidade, observou-se a esperança depositada nas políticas públicas, pois questões como saneamento básico, educação, segurança e saúde foram cobrados por todos os moradores entrevistados. Em suas falas, otimismo e esperança foram percebidos, embora não sejam correspondidos adequadamente.

Há questões como a educação e saneamento básico que, segundo os entrevistados, não correspondem como o esperado para uma comunidade tão próxima ao centro urbano e com tanto apelo turístico. No dia que foi realizada a pesquisa de campo, por exemplo, não estava tendo aula, pois não tinham barcos, por falta de pagamento por parte do governo local, os profissionais que conduzem as embarcações estavam em estado de greve. Ao questionar os entrevistados sobre saneamento e educação, as respostas denotaram insatisfação e desesperança.

Diante disso, se corrobora o que aponta Costa et al. (2015) ao falar que pobreza não se resume em falta de bens materiais, entretanto, vai além do que se pensa popularmente, a pobreza, nesse sentido, se caracteriza também pela falta ou escassez da manutenção e qualidade de vida.

Os entrevistados pontuaram questões negativas como a falta de água potável, escola que funciona apenas até o 5º ano do ensino fundamental com várias séries juntas no mesmo ambiente sob a supervisão de um só profissional, coleta irregular de lixo e resíduos. Um ponto positivo encontrado durante a pesquisa foi um morador comentar sobre a chegada de energia elétrica, que mesmo precária e com muitas falhas, trouxe qualidade de vida à população local. A Figura 3 apresenta um compilado de resultados.

Figura 3. Percepção da influência sobre moradia, educação e saneamento sobre a qualidade de vida e bem-estar.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nas entrevistas.

Outro morador diz estar indignado com as condições de saúde oferecidas na ilha. Existe um posto de saúde na ilha que seria para funcionar 24 horas por dia, contudo, durante os finais de semana ou feriados, segundo o morador, fecha. Na semana da entrevista, o morador precisou atravessar a cidade para levar uma criança para ser atendida na urgência e emergência, “[...] O posto que era para funcionar 24 horas por dia, tipo uma UPA... Você pode ir até sexta... no sábado e domingo, você não pode adoecer, nem em feriado” (MORADOR3).

O MORADOR3 ainda relata o problema da água potável e da energia precária “[...] como já falei, água potável, que nós não temos. Energia que é péssima, se comprar uma comida suficiente para deixar guardada em casa, não tem como” (SIC). Os resultados estão de acordo

com a pesquisa de Carvalho, Pimentel e Lima (2019) os quais deixam claro a necessidade de políticas públicas específicas para a APA.

Para nós, pesquisadores, a sensação é da existência de dois mundos paralelos, o real, onde a comunidade sofre com a precariedade das políticas públicas e as ameaças à sustentabilidade e o mundo do turismo, onde pessoas de fora comparecem para obter momentos de prazer, sem compromisso com o meio ambiente ou alguma sensibilidade com a realidade socioeconômica local.

A esperança que o governo trabalhe em favor da comunidade é destacada na fala de um morador “[...] às vezes, a gente espera que o governo faça melhorias para a gente... aí a gente ora, reza para que melhore mais (SIC) (MORADOR2).

Um ponto bem compreendido durante as análises das entrevistas é que os moradores apostam na ajuda do governo do estado e da prefeitura para que a suas necessidades sejam atendidas durante a COP-30 (Conferência das Partes, reunião internacional anual que reúne chefes de Estado para discutir as mudanças climáticas), que será realizada em Belém no mês de novembro do ano de 2025. Os entrevistados sabem que vai acontecer a COP em Belém, e esperam que parte dos valores destinados sejam aplicados no contexto do complexo turístico da Ilha do Combú, seja em ações de saneamento básico, coleta regular de lixo, entre outros problemas sociais que precisam ser revistos de forma urgente. Como no relato de um entrevistado: “Sim, a gente dá um exemplo, agora tem a COP, né? Então está tendo várias reuniões na ilha, as pessoas vão, falam da dificuldade, porque a gente acredita que vai ter solução” (MORADOR4).

O Governo do Estado, junto com a prefeitura de Belém precisam se mover para solucionar os problemas apontados pelos moradores para que seja promovida a qualidade de vida, para que haja harmonia entre o bem-estar dos moradores e o desenvolvimento turístico da ilha.

4.3. Meios de subsistência e a influência urbana sobre a ilha

A Figura 4 apresenta um compilado de percepções sobre a subsistência na ilha. De acordo com a entrevistas, existe uma temporada de pesca na localidade onde a captura é mais fácil, em outros momentos a pesca fica escassa, um entrevistado aponta que em outros momentos, anos atrás, a quantidade de peixes pescados era maior... enfatiza que o motivo que fez a pesca diminuir tem relação com o desenvolvimento turístico que a ilha passou nos últimos

anos (MORADOR3). Este mesmo entrevistado ressalta a escassez de camarão, após a invasão da ilha com espécies do tipo camarão gigante da Malásia, os quais comem os camarões regionais não possuem predadores locais (MORADOR3), os quais foram trazidos de fora.

Ferreira e Silva (2019), anteriormente, mencionaram que a pesca, extração vegetal e o ecoturismo já faziam parte dos principais meios de subsistência dos moradores da ilha. O que realmente acontece na ilha, notadamente os empreendimentos orgânicos são fortes no local, como exemplo a fábrica de chocolate, que utiliza o cacau que teve produção e manejo na ilha.

Figura 4: Percepção dos meios de subsistência e a influência urbana sobre a ilha.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base nas entrevistas.

Moradores da ilha destacam que a coleta do açaí não é mais como antigamente. Um dos entrevistados, hoje barqueiro, destacou que para se livrar do trabalho duro que era de apanhar o açaí, comprou uma lancha e começou se manter através da embarcação (MORADOR2), outro declarou que hoje existem fontes de renda na ilha para moradores, que “[...] antes teria que buscar outros meios de sobrevivência... até mesmo sair daqui da ilha para conseguir um trabalho (MORADOR5).

Então o turismo está mudando a forma como o morador local, sobretudo os mais jovens, veem a subsistência na ilha, das atividades extrativistas para o trabalho subordinado ao turismo, como colaborador em organizações que atendem ao turismo, como autônomos nas atividades de apoio, como o transporte fluvial. Assim, de certo modo, os meios de subsistência extrativistas na ilha ainda existem, todavia não é como antes, por isso, os moradores entrevistados combinam

opiniões diferentes, enquanto extrativistas se sentem resistentes quanto a influência urbana, uma vez que o desenvolvimento turístico é um fator para que a pesca, por exemplo, diminuísse na ilha, por outro lado, a influência urbana reflete prosperidade para os moradores que são empreendedores locais, pois quanto mais visitada a ilha for, para esses, melhor. Ainda nesse sentido, mais de um morador citou a COP-30 como um momento em que a ilha estará com um número elevado de turistas, alguns com otimismo, como na fala de um entrevistado “Sim, sim, tanto é com essa COP30 também... eles estão se preparando bem, estão montando os negócios alternativos com a esperança de melhorar o sustento (MORADOR1)”. Mas outros com desesperança.

5. Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compreender o sentimento de esperança da população local dos moradores da Ilha do Combú, pautado nas questões relacionadas ao bem-estar pessoal e à sustentabilidade da APA, diante do desenvolvimento pelo qual passa a ilha.

A pesquisa de campo e as entrevistas permitiram compreender as percepções dos moradores concernentes aos desafios impostos pelo trade-off entre sustentabilidade e o desenvolvimento trazido pelo turismo. Por meio da aplicação de análise de conteúdo qualitativa, foram identificados elementos que revelam as tensões vividas pela comunidade, entre o sentimento de pertencimento e a valorização social e ambiental da ilha, a pressão sofrida diante do desenvolvimento turístico e a falta de políticas públicas adequadas às necessidades básicas da população.

Assim, os resultados da pesquisa demonstram que os moradores enfrentam limitações de acesso a políticas públicas básicas, como saneamento, saúde, educação e transporte escolar, mesmo estando a poucos minutos da área urbana de Belém. Diante disso, foi possível observar que, embora haja esperança com as oportunidades econômicas advindas do turismo, também foi percebido insatisfação e desesperança diante do desequilíbrio ambiental pelo que passa a ilha, o qual impacta negativamente a pesca, o extrativismo e o próprio modo de vida tradicional da comunidade.

Apesar dessas dificuldades, o sentimento de esperança se mantém como um elemento mobilizador. Os entrevistados manifestam expectativas positivas em relação à realização da COP-30, apostando que o evento poderá servir como incentivador de investimentos que podem trazer melhorias estruturais e sociais na ilha. Também se destaca o sentimento de pertencimento

à ilha, onde, a despeito das dificuldades, os moradores se sentem orgulhosos de serem do Combú.

Assim, entendemos que esta pesquisa oferece contribuições relevantes para o campo da sustentabilidade e das políticas públicas, em especial para o debate sobre políticas públicas em áreas socioambientalmente vulneráveis. Ao mesmo tempo, avançar na discussão sobre a gestão de cidades resilientes e sustentáveis, ao evidenciar a importância de dar voz às comunidades, a fim de retratar sentimentos e evidenciar mudanças necessárias que precisam ser discutida pela academia e pela sociedade civil, a fim de que sirva como base para ações de governos, ONGs e demais atores interessados na proteção da fauna, flora e cultura amazônica, diante de alternativas econômicas baseadas na sustentabilidade, na produção da qualidade de vida e no bem-estar coletivo.

Com base nos resultados obtidos, pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento sobre os impactos do turismo nas práticas tradicionais de subsistência local e a investigação da efetividade das políticas públicas implementadas na APA do Combú. Além disso, seria relevante estudar como o sentimento de esperança se articula com a mobilização comunitária e com estratégias locais de adaptação diante de grandes eventos, como a COP-30.

Referências

- Alves, L. A. (2020). Complexidade do bem viver: ponderações com base nas noções de qualidade de vida, saúde, bem-estar, felicidade e sustentabilidade. *Geografares*, (31). URL: <https://journals.openedition.org/geografares/805>
- Bailey, T. C., Eng, W., Frisch, M. B., & Snyder, C. R. (2007). Hope and optimism as related to life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology*, 2(3), 168-175. DOI: 10.1080/17439760701409546
- Carvalho, S. S., Pimentel, M. A. S., & Lima, A. M. M. (2019). Desafios da área de proteção ambiental em território insular: proposição de planejamento para gestão de recursos hídricos sob a perspectiva dos moradores da ilha do Combú, Belém, Pará. *Revista Brasileira de Ciências Ambientais (RBCIAMB)*, (51), 62-78. <https://doi.org/10.5327/Z2176-947820190446>.
- Castelo, T. B., Almeida, C. A., Coelho, F., & Prevoir, E. (2018). Análise do contexto de decisão na Ilha do Combú, estado do Pará a partir de um framework de sustentabilidade. *Encontro Internacional Sobre Gestão Ambiental e Meio Ambiente -*

- ENGEMA, 20. <https://engemausp.submissao.com.br/20/anais/arquivos/24.pdf>. Acesso em 20 nov. 2023.
- Costa, E. S., Castro, N. J. C., Alencar, B. L., & Silva, S. S. S. (2015). Ilha do Combú: realidades e desafios. *Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar*, 4(2), 32-48. <https://doi.org/10.24302/sma.v4i2.903>
- Dias, P., Hirata, M., Machado, F. P., Luís, M. A. V., & Martins, J. T. (2020). Bem-Estar, Qualidade De Vida E Esperança Em Cuidadores Familiares De Pessoas Com Esquizofrenia. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, Nº 23 (JUN.,2020). Disponível em <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0269>.
- Ferreira, M. P. L., & da Silva, G. M. (2020). A produção de açaí nos igarapés Combú e Periquitaquara na Ilha do Combú: uma análise sobre as práticas de manejo, Pará, Brasil. *Agricultura familiar: pesquisa, formação e desenvolvimento*, 13(2), 230-252. <http://dx.doi.org/10.18542/raf.v13i2.8717>
- Filha do Combú. (2024). Disponível em: <https://filhadoCombú.com.br/>
- Fortunato, F. R. G. (2024). A Prática Pedagógica na EMEC Sebastião dos Santos Quaresma, na ilha do Combú, Belém-PA. Belém: Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Pará Centro de Ciências Sociais e Educação Programa de Pós-Graduação em Educação. https://propesp.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/2024/10/Dissert.-FORTUNATO-F.-R.-G.-A_Escola_Ribeirinha-e-a-Pedagogia_de_P.F-na-EMEC.SEB-SANTOS-QUAR.Finalizada-10-9-2024-2_compressed.pdf
- G1 Pará. (2024). Páscoa com gosto de Amazônia: conheça os chocolates selvagens da ilha do Combú que Macron levou para França. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2024/03/30/pascoa-com-gosto-de-amazonia-conheca-os-chocolates-selvagens-da-ilha-do-Combú-que-macron-levou-para-franca.ghtml>. Acesso em: 05/12/2024.
- IDEFLOR-Bio. (2024). Área De Proteção Ambiental Da ilha Do Combú. Disponível em: <https://ideflorbio.pa.gov.br/area-de-protecao-ambiental-da-ilha-do-Combú-apa-da-ilha-do-Combú/#:~:text=Sua%20popula%C3%A7%C3%A3o%20gira%20em%20torno, encontrado%20por%20toda%20a%20ilha>.
- A Ilha do Combú. (2017). Disponível em: <https://ilhadoCombú.tur.br/a-ilha-do-Combú/>. Acesso em: 05/12/2024.

- Jusbrasil. (2024). Art. 15 da Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11177309/artigo-15-da-lei-n-9985-de-18-de-julho-de-2000>. Acesso em: 03/12/2024.
- Lacerda, L. F. B., & Acosta, L. E. (2017). Indicadores de Bem-estar Humano para Povos Tradicionais: o caso de uma comunidade ribeirinha na fronteira da Amazônia brasileira. *Ciências Sociais Unisinos*, 53(1), 100-111. <https://doi.org/10.4013/csu.2017.53.1.10>.
- Leite, R. C. S., Sales, A. L. & Dias, S. V. (2025). Empreendedorismo De Base Sustentável Na Amazônia: Agregando Valor Ao Óleo De Andiroba Em Comunidade Ribeirinha Do Amapá. Dissertação de Mestrado. Instituto Federal do Amapá.
- Maia, A. M. G., Nunes, J. R., & Cruz, S. H. R. (2017). Ilha do Combú: um olhar sob as perspectivas conceituais do lazer e seus equipamentos. *Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur)*, 10(2).
- Martins, R., & Mestre, M. (2014). Esperança e qualidade de vida em idosos. *Millenium*, (47), 153-162.
- Mascarenhas, S. A. N. & Roazzi, A. (2012). Otimismo, Esperança E Satisfação Com A Vida De Agricultores E Ribeirinhos Da Amazônia/Amazonas/Brasil. *Pernambuco: Revista AMAzônica*, 9(2), 239-251.
- Melo, P. T. A. & Bezerra, M. G. F. (2022). Desenvolvimento de Marca Coletiva para Comunidade de Mulheres Extrativistas de Óleo de Andiroba da ilha do Combú – Belém – Pará. Salvador: Cadernos de Prospecção.
- Monteiro-Alves, R. J., Gutjahr, A. L. N., & Pontes, A. N. (2024). Índice global de sustentabilidade em comunidades rurais do município de Marapanim, Pará, Brasil. *DRd-Desenvolvimento Regional em debate*, 14, 669-689.
- Nascimento, L. S. (2013). Perfil sociodemográfico e epidemiológico de uma comunidade ribeirinha da Amazônia. *Anais do Congresso Brasileiro de Medicina da Família e Comunidade*. Belém: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade.
- Nunes, T. (2017). ilha do Combú. Disponível em: <https://ilhadoCombú.tur.br/a-ilha-do-Combú/>.
- Oliveira, T. (2021). Semec Visita Escolas Municipais Da ilha Do Combú Para Deixá-Las Bem Cuidadas. Disponível em: <https://agenciabelem.com.br/Noticia/219503/semec-visita->

